

EDUCAÇÃO E GÊNERO: diálogos possíveis entre Rancière e Paulo Freire

Osmar Vieira dos Santos Junior¹

Eline das Flores Victer²

Resumo: O presente artigo desenvolve-se com o objetivo de discutir as questões de gênero na educação, sob a perspectiva do gênero humano, defendida por Paulo Freire e Jaques Rancière. Para tanto, foi desenvolvida uma bibliográfica, a partir de uma revisão de literatura, de ambos os autores. Após a pesquisa, compreende-se que para realizar uma educação para a emancipação humana, propósito defendido pelos autores, é necessário ao educador desconstruir as ideias impregnadas no ensino tradicional, de desigualdade da inteligência, fruto de uma desrazão para a defesa das relações de poder, fundamentadas no embate entre opressores e oprimidos. Para tanto, convém, como Rancière defende, desconstruir esta desrazão e, como Freire difundia, manter a esperança viva, enquanto atitude que se multiplica para além de si e do outro, que se faz na comunhão e na busca pelo Ser Mais.

Palavras-chave: Desrazão. Educação. Emancipação Humana. Autonomia.

Abstract: This article is developed with the aim of discussing gender issues in education, from the perspective of the human gender, defended by Paulo Freire and Jaques Rancière. For this purpose, a bibliography was developed, based on a literature review by both authors. After the research, it is understood that in order to carry out an education for human emancipation, a purpose defended by the authors, it is necessary for the educator to deconstruct the ideas impregnated in traditional teaching, of inequality of intelligence, the result of an unreason for the defense of power relations. , based on the clash between oppressors and oppressed. Therefore, as Rancière defends, it is convenient to deconstruct this unreason and, as Freire used to say, to keep hope alive, as an attitude that multiplies beyond itself and the other, which is done in communion and in the search for Being More.

Keywords: Dismay. Education. Human Emancipation. Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as questões de gênero sob uma percepção humanística, defendida por Paulo Reglus Neves Freire (19/09/21-02/05/97) e

¹ Mestre em Ensino das Ciências – UNIGRANRIO.

² Docente do Programa de Pós-Graduação – UNIGRANRIO.

filosófica, argumentada por Jaques Rancière. Enquanto os ensinamentos de Freire em *Pedagogia da Autonomia* remetem a uma cultura educacional voltada para o respeito à humanidade, considerando a cidadania plena de todos os sujeitos, a partir de uma educação conscientizadora e transformadora; Rancière, em sua obra *O Mestre Ignorante*, reflete sobre os descaminhos da educação, que, reproduzindo um sistema desigual, configura as relações interpessoais escolares em um embate dual entre o professor (que domina a inteligência) e o aluno (o ignorante).

Ambos autores defendem o quanto é necessário ao professor repensar o próprio pensamento, as próprias atitudes, de modo a desconstruir um ensino tradicional e desenvolver um que supere as desigualdades criadas, como formas de disputa pelo poder, e seja conduzida por um olhar mais igualitário, incluindo os diferentes. Diante deste contexto, convém refletir: quais os diálogos possíveis entre as obras *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996a) e *O Mestre Ignorante* (RANCIÈRE, 2002), para uma prática educativa que contemple as questões de gênero?

Com o intuito de responder tal questionamento, o presente artigo desenvolve-se com o objetivo de discutir as questões de gênero na educação, sob a perspectiva do gênero humano, defendida por Paulo Freire e Jaques Rancière. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir da revisão de literatura de ambos os autores.

2 PAULO FREIRE: HISTÓRIA, A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E O LEGADO

A educação desenvolvida por Paulo Freire se confunde com a sua própria história de vida. Empreendeu um modelo de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com o objetivo de contribuir com desalienação e emancipação dos sujeitos marginalizados, mais especificamente operários e trabalhadores rurais. Com a “leitura de mundo” para além da leitura de palavras, as salas de aula freirianas eram espaços de diálogo, autoconhecimento, percepção do outro e reflexão sobre o ser e estar no mundo.

Contudo, seu trabalho não se deteve nesta modalidade de ensino, se expandiu para a formação de professores, sendo de grande suporte para o

Ensino Fundamental, a educação popular e o ensino em diferentes espaços e modalidades. Fosse na educação formal ou não formal, os ensinamentos de Freire descortinavam, e ainda descortinam, os horizontes da educação enquanto ciência e práxis pedagógicas; como um meio essencial para o “ser mais”. Seus ensinamentos têm como princípio a solidariedade, com vista ao projeto político de construção de uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

A percepção freiriana trouxe uma nova relação entre educação de adultos e sociedade; o entendimento dos estudantes como construtores sociais, uma ação para a qual, a emancipação é essencial. Freire introduziu na sala de aula as questões sociopolíticas, havendo um diálogo constante entre o aprendizado das disciplinas e o conhecimento político-social. Paulo Freire assumiu a educação libertadora como uma militância, com o objetivo de instrumentalizar os sujeitos populares para a luta contra a opressão exercida pelo mercado capital. A coerência entre a teoria e a prática existente no seu trabalho de intelectual e educador o consagrou como modelo de um sujeito político, revolucionário e humanista (MACIEL, 2011).

No final dos anos 1950, durante o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, diversos educadores discutiram diferentes perspectivas educacionais. Dentre elas, mereceu destaque a concepção de Paulo Freire, que atraiu vários adeptos das diversas vertentes sociais, desde educadores a líderes comunitários. Todos defendiam a bandeira da alfabetização de jovens e adultos, como meio de transformação dos sujeitos e da sociedade (BEISEGEL, 1989). Neste período, já se reconhecia a importância da sua prática educativa. Contudo, foi a partir de 1963 que seu trabalho ganhou notoriedade no Brasil, a partir da sua prática em Angicos – Rio Grande do Norte.

Paulo Freire destacou-se no cenário da Educação popular, já em junho de 1963, quando na cidade de Angicos (RN), chefiou um programa que alfabetizou 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Foi nessa cidade que Freire, após uma experiência em Recife, coordenou uma equipe do Serviço de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, que pôs em prática o método de alfabetização de adultos por ele desenvolvido. Sobre as práticas de alfabetização desenvolvidas pelo mestre Freire, Brandão (1981, p. 2) lembra:

[...] ali não se experimentava só um novo método, mas, através dele, um novo sentimento de Mundo, uma nova esperança no Homem. Uma nova crença, também, no valor e no poder da Educação. Sinais de amor que o homem planta e que brotavam ali, no chão seco do sertão, há vinte anos.

Alguns desses educadores faziam parte do Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife. Esses realizaram uma primeira experiência antes da prática em Angicos, em um bairro periférico de Recife, com cinco alfabetizando. Em seguida, a equipe se deslocou para Mossoró e Angicos, ambas no Rio Grande do Norte. Também foram desenvolvidas práticas de alfabetização de adultos segundo o Método de Paulo Freire, em João Pessoa, na Paraíba, por meio da Campanha de Educação Popular (CEPLAR), com os Lavradores do Nordeste (BRANDÃO, 1981).

Após ser testado nos “Círculos de Cultura”, nas salas de aula freirianas, o método foi expandido para Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Com o sucesso reconhecido de tais práticas, expandiu por todo o território nacional, com o apoio do Governo Federal. Em diversos estados do país foram oferecidos cursos de formação para coordenadores. Entre Bahia, Rio Grande do Norte, São Paulo, Sergipe e Rio Grande do Sul foram milhares de pessoas alfabetizadas entre 1963 e 1964. Nesse último ano, havia um plano de instalar vinte mil círculos de cultura com a capacidade para formar dois milhões de alunos. Entretanto, em fevereiro de 1964 milhares de cartilhas do Movimento de Educação de Base Viver é Lutar foram apreendidas pelo governo do Estado da Guanabara. Em abril desse mesmo ano, a Campanha Nacional de Alfabetização idealizada por Paulo Freire e pelo presidente deposto João Goulart sofreu a denúncia de ser uma prática perigosa e subversiva. Com a repressão dos militares que se deu com o golpe de 1964, em 1968 os educadores foram presos e seus trabalhos proibidos. Paulo Freire ficou preso por 70 dias e exilado por 16 anos (BRANDÃO, 1981; PEREIRA; PEREIRA, 2010).

Em setembro de 1964, Freire enfrentou o exílio, primeiro na Bolívia em seguida no Chile, antes da repressão neste país, ficando até 1969 e contribuindo significativamente com a alfabetização de adultos. Dirigiu-se para os Estados Unidos, lecionando em *Harvard* por dez meses. Em seguida, em Genebra, Freire criou com outros companheiros de exílio, o Instituto de Ação e Cultura (IDAC). Com esta equipe, viajava para a África, para contribuir com a luta pela liberdade,

por meio da educação. Neste período, escreveu *Educação como prática para a liberdade e Pedagogia do oprimido* (BRANDÃO 1981; PEREIRA; PEREIRA, 2010).

Em 1980, retornou do exílio com 57 anos, desembarcando no Aeroporto de Viracopos em Campinas – São Paulo. Entre tantas ações realizadas no Brasil, desde então, lecionou na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp), e depois passou a integrar o Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Em 1986 foi secretário de Educação da cidade de São Paulo, durante a prefeitura de Luiza Erundina, quando difundiu a autonomia das escolas, por meio dos Conselhos e Grêmios Estudantis.

Em 1996, publicou seu último livro, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Na obra, reúne ensinamentos diversos de grande valor para os educadores, sejam eles de movimentos populares ou da escola formal; ou ainda de qualquer seguimento de ensino, da educação infantil ao universitário. As palavras de Freire tocam o coração (FREIRE, 1996a).

Aos 75 anos de idade, em 02 de maio de 1997, Freire descansou da sua vida. Acometido por um infarto, faleceu, deixando para sempre sua obra, seu olhar e palavras de doçura, firmeza e esperança, que reverberam até hoje nos espaços em que se pensa e se faz educação.

3 JAQUES RANCIÈRE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Jaques Rancière nasceu em Argel – Argélia, em 1940. Iniciou sua história de vida acadêmica e política, tendo como mentor e mestre, o filósofo Louis Althusser, assumindo uma vertente marxista althusseriana. Com o filósofo mestre Althusser, Rancière escreveu “Ler o Capital, em 1965. A partir de 1968 começou a se afastar do mestre e das concepções marxistas, sem, contudo, deixar de perceber-se enquanto um sujeito de esquerda. Neste mesmo ano participou de uma conferência no Brasil, em 1968, sobre Ler o Capital, quando conheceu a sua esposa, Danielle Ancier, que era professora de filosofia da USP (VOJNIAK; MACHADO; SIMON, 2013).

Atuou como docente na Universidade de Paris, até o ano 2000, tornando-se professor emérito de Estética e Política. Atualmente, com 79 anos, leciona de

filosofia da European Graduate Scholl em Sans-Fee, na Suíça. É autor dos livros *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário* (1988), *Os nomes da história: ensaio da poética do saber* (1994), *O desentendimento* (1996), *Políticas da escrita* (1995), *O inconsciente estético* (2001), *A partilha do sensível* (2005), *O espectador emancipado* (2008) e *O mestre ignorante* (2002), sobre o qual se debruça este artigo (VOJNIAK; MACHADO; SIMON, 2013).

Em *A noite dos proletários* (1988), Rancière chama atenção para os momentos que intercalam o trabalho, as horas de descanso, embriaguez, lazer, sono e os sonhos que alimentam os operários de uma perspectiva nova sobre a sociedade; um mundo onde há mais justiça social e menos exploração.

No livro *Os nomes da história: ensaio da poética do saber*, Rancière desenvolve uma análise sobre as escolas historiográficas, tendo como elemento norteador, o termo *histoire*. A crítica se espalha por entre as palavras História e história, tecendo uma relação de causa e consequência entre ambas, a partir da Revolução Francesa. Há assim, uma valorização das falas do povo, contadas como registros das pessoas anônimas sobre os mesmos fatos históricos registrados pelos historiadores, carregados de sentidos.

Inspirado nos livros *Os nomes da História e o Mestre ignorante*, Rancière escreveu *O espectador emancipado*. Neste, o autor toma a história sob um viés teatral, fazendo uma crítica à passividade à qual é submetido o espectador, ao ver uma peça, salientando que “olhar é o contrário de conhecer” (RANCIÈRE, 2012, p. 8). Neste interim, compara o aluno com o espectador, o professor com o ator e a escola com o teatro, explicando que há uma ignorância em só assistir uma peça teatral ou uma aula, pois não há aprendizagem, conhecimento e emancipação na passividade. Enquanto neste livro, o autor tece comparações entre filosofia e artes visuais, em *O Desentendimento*, faz uma relação entre os saberes filosóficos e políticos lançando luz sobre a possibilidade de uma “filosofia política”. Para conduzir esta análise investigativa, Rancière (1996, p. 8) emprega o termo “desentendimento”, definindo-o *como* “um tipo determinado de situação de palavra: aquela em que um dos interlocutores ao mesmo tempo entende e não entende o que diz o outro”. Ou seja, implica em contradições e disputas que não necessariamente surgem da ignorância, mas sim, das formas divergentes de dizer e defender aquilo que é dito.

Em suas obras, o pensamento humanista é uma marca, que se reflete na sua convicção política de esquerda, enquanto um filósofo e professor que defende a emancipação humana, como empreendimento da educação, a qual como explicita em *O Mestre Ignorante*, deve desconstruir a vaidade da “desrazão”. Transita da estética à prática educativa, tecendo considerações teóricas, políticas e filosóficas que coadunam com os ensinamentos de Freire. Ambos, Freire e Rancière, com histórias de vida distintas, porém pensamentos que se assemelham são referências para a ressignificação da educação no Brasil e no mundo, enquanto ato político, humanizado e transformador.

Educar, neste sentido, revela-se como uma atitude que busca a transformação de si e do outro, como estratégia para modificar o mundo, sendo essencial ao educador, humanizar-se e instruir-se, de tal modo a compreender as relações humanas políticas e sociais, ocorridas em diferentes contextos, buscando sempre o conhecimento como algo constante, próprio do espírito investigativo e emancipatório do professor.

4 A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA x O MESTRE IGNORANTE: LIÇÕES VALIOSAS PARA A EDUCAÇÃO ENQUANTO CONSCIÊNCIA SOBRE O GÊNERO HUMANO

A intuição de educadores, contadores de história, leva Paulo Freire e Jacques Rancière a criar metáforas, figuras, símbolos. Entre os símbolos, destacam-se no universo literário das obras de Freire, as palavras opressor e oprimido. Com tais figuras linguísticas, Freire avança da abordagem de classes para a ideia de cultura, que inclui toda a pessoa cuja liberdade estivesse coagida por algum fator. Assim a opressão poderia ser um sentimento, um pai, um marido, um amante, um dirigente de uma nação ou um patrão. Rancière, com palavras de forte impacto semântico, tais como “desrazão”, dialoga com as ideias de Freire, ao refletir sobre a origem das desigualdades e as vaidades humanas como consequências da necessidade de poder, de sobrepujar-se ao outro.

Mergulhando na narrativa fictícia de Joseph Jacotot, pedagogo francês, que passou por uma experiência quando lecionava o idioma para holandeses, Rancière em *O Mestre Ignorante* reflete sobre como o professor ignora o aluno, devido à sua desrazão da inteligência. Por considerar a si mesmo o detentor do

conhecimento, o personagem não consegue perceber os saberes dos seus alunos, impossibilitando qualquer comunicação que possa contribuir com a aprendizagem. Devido à dificuldade de entendimento, o mestre Jacotot solicitou que os estudantes utilizassem um dicionário francês, e que assim, lessem, traduzissem e dissertassem sobre o que aprenderam. Para sua surpresa, houve um bom desempenho no aprendizado do idioma, o que o levou a refletir sobre se era realmente necessário um professor para ensinar, ou apenas para despertar a vontade, o desejo de aprender.

Rancière explica então, que há um mito pedagógico o qual divide a inteligência em duas: uma adquirida na convivência, por meio dos hábitos; e outra através de um estudo metódico e complexo, por meio de razões. Completa o raciocínio ao expressar o equívoco da escola, por impor uma relação onde os alunos tornam-se parasitas dos saberes dos professores, completamente passivos, a absorver os conhecimentos, que são perpassados, não raro, de forma arbitrária e descontextualizada. Define-se nesta relação educativa de embrutecimento pedagógico – uma hierarquia das inteligências, a qual remete à relação de poder, pois aqueles que dominam o conhecimento, no caso, os mestres, exercem poder sobre os que não dominam – os estudantes.

Com isso, Rancière faz uma distinção entre o mestre explicador e o mestre das vontades, sendo o primeiro aquele que impõe, oprime; e o segundo, aquele que sugere, direciona, impulsiona a curiosidade e a criatividade. Freire em *Pedagogia da Autonomia*, explicita que o professor não deve colocar-se como aquele que detém o saber, único e exclusivo, mas como um mediador da relação entre o sujeito e o objeto; como aquele que promove no aluno, o desejo de aprender e compreender a si e o mundo, para então intervir na sua condição, de modo a transformá-la.

Conforme Freire, é preciso educar para libertar os homens e mulheres da condição de oprimidos e opressores, de modo a conquistar a igualdade. Já Rancière defende que é necessário educar para emancipar. Mas explicita que a emancipação deve ocorrer no próprio processo de aprendizado, quando o educador motiva, provoca o aluno, para aprender de forma independente, livre; um processo, que Freire defende como uma pedagogia da autonomia. Ambos os autores repugnam a ideia de hierarquia das inteligências, afirmando que há

manifestações diferentes da inteligência, as quais conduzem à vontade, o desejo de descobrir e aprender.

Via-se então a rapidez do método de Jacotot e a lentidão do método tradicional no processo de educar, porém a via rápida não era necessariamente equivalente a melhor, mas despertava a confiança na capacidade intelectual, constando que não era o saber do mestre que ensinava, mas a inteligência individual que permitia a compreensão. Logo Jacotot passou a lecionar aulas de piano e pintura, pois não tinha capacitação, ressaltando a máxima “é preciso que lhes ensine que nada tenho a ensinar-lhes” (p.27), mostrando que se pode ensinar o que ignora desde que emancipe o alunado, sendo o próprio mestre emancipado.

Há com isso, uma relação de igualdade entre educador e educando, pois ambos enquanto ensinam e aprendem, se encontram em processo de emancipação. Quando se busca informações sempre se encontra um caminho, talvez não o completamente necessário, para ser posteriormente utilizado em outras questões relacionando-o com outras coisas já conhecidas. Jacques Rancière deixa claro em seu livro que a inteligência é um atributo intrínseco da pessoa humana; que:

É a tomada de consciência dessa igualdade de *natureza* que se chama emancipação, e que abre o caminho para toda aventura no país do saber. Pois se trata de ousar se aventurar, e não de aprender mais ou menos bem, ou mais ou menos rápido (RANCIÈRE, 2002, p. 38).

O ato de emancipação exige que se ensine ao outro à maneira dos homens e não dos sábios. Quem tem capacidade de executar bem o método é o mestre ignorante, que não se coloca a frente ou acima dos alunos, mas sim no mesmo patamar. Ensinar o que se ignora é estar sempre a levantar questionamentos, exercitando a própria inteligência.

Isto implica em uma consciência de incompletude, a qual Freire explicava ser essencial ao educador. Para Freire, ser incompleto é uma característica de todos os seres vivos. Entretanto, os humanos têm consciência da sua incompletude e assim, buscam completarem-se a si mesmos, por meio do pensar, da criatividade e da busca pelo conhecimento.

O pensamento e o conhecimento nascem do viver, do fazer humano e de pessoas convivendo em circunstâncias diversas. É nessa relação interpessoal e com o mundo que se aprende. Entretanto, é preciso ao educador, compreender que aprender é difícil. Requer uma predisposição à mudança, à busca constante; exige uma relação de confiança mútua entre os sujeitos, entre educandos e educadores, que se conquista no diálogo constante (FREIRE, 1996a).

O conhecimento é histórico e assim como o pensamento, nasce do fazer humano e do refletir sobre o que se faz; nasce da relação entre as pessoas. Para Freire, o passado é uma semente que gera conhecimentos no presente e que esse por sua vez é uma fonte a gerar saberes no futuro. Por isso, ele é contínuo, incompleto, fruto de um ser humano inacabado, em constante busca.

A consciência de inacabamento do ser humano conduz à certeza de que não há alguém que saiba tudo. Assim, o educador, enquanto provocador do diálogo, da esperança e da utopia, precisa de reconhecer no educando, os saberes que ele traz consigo, frutos da sua história de vida, das suas experiências. Tais elementos contribuem com o planejamento de conteúdos e estratégias a serem aplicados em sala de aula, devendo esse, portanto, ser flexível e não engessado em teorias e procedimentos pré-determinados (FREIRE, 1992; 1996a).

Isso não consiste, contudo, em uma prática pedagógica espontaneísta – quando o educador vai para a sala de aula sem um plano prévio e deixa que as coisas aconteçam sem um direcionamento. Mas significa estar atento às pistas que os alunos dão dos seus interesses e saberes pessoais; das suas reflexões e seus aprendizados. É dessa forma que, por meio de um diálogo, de palavras geradoras, de temas geradores, as ideias vão sendo provocadas, o conhecimento vai se construindo e a esperança se renovando. É pelo viés dessa educação freiriana que as pessoas, conscientizando-se do seu papel no mundo, do seu ser e estar no mundo, vão, movidas pelo desejo de erguer um mundo melhor, pelo sonho de ser melhores, construindo uma sociedade melhor (BRANDÃO, 1981; FREIRE, 1996a).

Para a escola freiriana, o educador ensina e aprende por meio do diálogo. Por ter consciência de que todo mundo sabe muitas coisas, educadores e educandos estão na mesma situação de ensino e aprendizagem. A educação assim não é um processo limitado à aquisição utilitária do conhecimento, mas à

instrumentalização dos sujeitos para a sua emancipação política e social. Para que se busque a razão das coisas, que sejam pesquisadores e investigadores de si mesmo e da realidade.

Desta maneira, Paulo Freire compreende o educar, sendo fruto de escolhas, como um ato político; que por isso, não pode ser neutro, esvaziar-se e limitar-se no treino. Deve expandir-se na formação e posicionar-se diante do mundo. Em uma sociedade de classes ou a educação vai favorecer a permanência da relação entre opressor e oprimido ou vai contribuir com a emancipação dos sujeitos massacrados. (FREIRE, 1987; PEREIRA; PEREIRA, 2010).

Enquanto Rancière aborda a desigualdade, como geradora de diferenças, sendo que alguns exercem poder sobre outros, alienados em sua condição não conseguem perceber-se a si mesmos como submissos; que a educação pode ser o caminho para esta consciência e emancipação, Freire chama atenção que no processo educativo, na prática pedagógica para a autonomia, tendo em vista emancipar os sujeitos oprimidos, a miséria e suas consequências são o grande entrave. A esse respeito, Paulo Freire, em comemoração aos 50 anos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), no Seminário Internacional “O Simbólico e o Diabólico”, realizado em 1996, desabafa:

Quando a gente diz, por exemplo, mas é um horror, não é possível não ficar repugnado, não ficar em permanente protesto, quando se sabe a quantidade de Marias, de Pedros, de Toinhos que morrem por dia nesse país, de fome, quando a produção capitalista de alimento daria comida para duas vezes a população no mundo (FREIRE, 1996b)³.

Esta declaração é um exemplo de como Paulo Freire se preocupava com os sujeitos no mundo, com as relações sociais opressoras. Consciente dos problemas presentes na relação entre as classes, indignava-se e posicionava-se na luta por uma sociedade mais humanista e justa, com oportunidades de crescimento para todos. Defendia que era possível mudar a realidade, partindo da situação vivenciada no momento presente. E completava que se somente com sonhos e devaneios não há possibilidade de concretizar tal mudança, sem o sonho também não é possível (FREIRE, 2000).

³ Parte da transcrição do vídeo da última palestra que Freire deu antes de falecer. Vide a transcrição completa em anexo (FREIRE, 1996b).

A consciência dos seres humanos como seres históricos, mutáveis e agentes de mudança é defendida por Freire em toda sua literatura. Tal pensamento pode ser exemplificado em suas palavras: “Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar” (FREIRE, 2000, p. 36).

Com esta fala, Paulo Freire se coloca e convida o educador a se posicionar de forma presente, na convivência com as pessoas pobres. Explica que é preciso estar com o outro, sabendo de que é parte da história e pode contribuir assim com a resolução dos problemas impostos naquele contexto. Tais dificuldades podem ser compreendidas como possibilidades de mudança (FREIRE, 2000).

A educação para a mudança, defendida por Freire (2000) parte de uma aliança entre conscientização política, esperança, utopia e atitude. Tal convicção está explícita em suas atitudes, sua militância e palavras:

[...] A utopia está presente, tá no meu corpo, na minha convicção. E se há um tempo em que mais até do que falar, mas falar, falar a palavra certa, falar a palavra que atua, a palavra que transforma é já começar a transformar. Mas se há, se há um tempo em que a necessidade da luta, da briga para o convencimento de que a esperança não se acabou, de que a história está aí, de que a história não morreu, pra que a história morra é preciso primeiro que mulheres e homens morramos, aí então a história morre, fora disso não. É preciso, é preciso sublinhar que a utopia, que o sonho não morreu. Onde quer e quando quer que haja mulher e homem no mundo, a esperança continua a fazer parte da sua natureza (FREIRE, 1996b).

Estas palavras evidenciam que a consciência dos sujeitos enquanto seres construídos historicamente e da própria história como algo vivo, que se faz no dia a dia de forma contínua por todos os sujeitos conferem aos homens e mulheres a certeza de que é preciso alimentar as utopias de um mundo melhor e por elas lutar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rancière e Freire são referências essenciais para o educador que deseja atuar de modo a promover a emancipação humana. Ambos, a partir de uma narrativa empolgante e lições fundamentais, convidam os professores a repensar sobre a própria prática educativa, tendo em vista a necessidade de

autoconhecimento e transformação de si mesmos a fim de superar os entraves da educação tradicional arbitrária e realizar uma ação pedagógica que desenvolva nos alunos, o exercício da autonomia, da curiosidade e da busca constantes.

É preciso estar atento aos entraves desta luta que são a miséria, a violência, a ausência de condições dignas de vida que se abate sobre grande parte da população planetária. É necessário compreender que enquanto houverem pessoas sendo subjugadas, discriminadas e excluídas devido às suas condições de gênero, sexo, econômicas, culturais ou sociais, uma educação para a autonomia e cidadania é ao mesmo tempo uma dificuldade e uma necessidade.

Difícil porque há limites que remetem à falta de condições estruturais das escolas e de formação dos docentes, bem à precariedade da vida dos alunos; necessidade, porque somente promovendo uma educação para a emancipação, associada a políticas públicas, estas condições desiguais podem ser suplantadas. Para tanto, convém acreditar, defender sempre que é possível, como Rancière defende, desconstruir esta desrazão e, como Freire difundia, manter a esperança viva, enquanto atitude que se multiplica para além de si e do outro, que se faz na comunhão e na busca pelo Ser Mais.

6 REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, C. de R. **Política e Educação Popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o Método Paulo Freire**. Acervo Paulo Freire. 1981. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4219/1/FPF_PTPF_12_102.pdf. Acesso em: 24 Jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996b.

_____. **O Simbólico e Diabólico na Política:** Um testemunho de fé. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 1996b. (Vídeo).

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MACIEL, Karen de Fátima. O Pensamento de Paulo Freire na Trajetória da Educação Popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu Pereira. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 72-89, dez.2010.

RANCIERE, Jacques. **O desentendimento**. Trad. de Angela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **A noite dos proletários**. Arquivos do sonho operário. Trad. Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 439p.

_____. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lílian do Valle. Col. Educação: Experiência e sentido. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2002.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Os nomes da história:** ensaio de poética e saber São Paulo: Editora Unesp, 2014 (160 p.)

VOJNIAK, F.; MACHADO, R. **História, Estética e Política em Jacques Rancière**. 2. Ed. Clube de Leitura em História e Filosofia da Educação, 2013.

ANEXO 1 –Transcrição do discurso de Paulo Freire em 1996, nas Comemorações dos 50 anos da PUCSP – Seminário Internacional o Simbólico e o Diabólico

A utopia está presente, tá no meu corpo, na minha convicção. E se há um tempo em que mais até do que falar, mas falar, falar a palavra certa, falar a palavra que atua, a palavra que transforma é já começar a transformar. Mas se há, se há um tempo em que a necessidade da luta, da briga para o convencimento de que a esperança não se acabou, de que a história está aí, de que a história não morreu – pra que a história morra é preciso primeiro que mulheres e homens morramos, aí então a história morre, fora disso não. É preciso, é preciso sublinhar que a utopia, que o sonho não morreu. Onde quer e quando quer que haja mulher e homem no mundo, a esperança continua a fazer parte da sua natureza. Mas hoje, por exemplo, diabolicamente há uma ideologia voando, sobrevoando o mundo num discurso pós-moderno, que insiste em dizer que a utopia morreu. Que insiste em dizer que o sonho na educação sumiu e que a tarefa do educador ou da educadora hoje termina exatamente no treino, veja bem no treino e não na formação.

Um certo diabolismo nessa ideologia fatalista, por exemplo, que diz que o desemprego no mundo, pra não falar só no nosso país, é uma fatalidade do fim do século. Mas puxa! Não é fatalidade coisíssima nenhuma. É um testemunho ou é um momento da diabolização do século, mas não uma fatalidade a que não se possa fugir.

Quando a gente diz, por exemplo, mas é um horror, não é possível não ficar repugnado, não ficar em permanente protesto, quando se sabe a quantidade de Marias, de Pedros, de Toinhos que morrem por dia nesse país, de fome, quando a produção capitalista de alimento daria comida pra duas vezes a população no mundo. Isso é uma vergonha, parece até que é o trabalho da televisão.

Eu quero dizer a vocês, quero também dizer a D. Paulo, da minha, da minha gratidão, agora eu vou ultrapassar esses minutos, da minha gratidão pessoal, a sua força, do seu apoio à minha vinda pra cá para o Brasil. O D. Paulo na época chegou a telefonar ao ministro de justiça do país, dizendo o meu amigo Paulo Freire chega amanhã e eu não gostaria que ele fosse molestado no

aeroporto, porque não tem razão pra ser. Não é porque eu só era amigo dele, não. É porque não havia razão. Eu quero agradecer a D. Paulo em público, a crença que ele jogou em mim e prometer que onde quer que o senhor esteja vai saber que com a ajuda dos simbólicos eu ganharei contra as tentações diabólicas e continuarei amigo seu.